



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO SUL – IFRS
CRISTIELEN VILELA DOS SANTOS SARAIVA

EMPREENDEDORISMO FEMININO EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS: O
PAPEL DE UMA ASSOCIAÇÃO COMO REDE DE APOIO E COOPERAÇÃO.

PORTO ALEGRE
2026

CRISTIELEN VILELA DOS SANTOS SARAIVA
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO EMPRESARIAL

EMPREENDEDORISMO FEMININO EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS: O PAPEL DE
UMA ASSOCIAÇÃO COMO REDE DE APOIO E COOPERAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Colegiado do curso de Pós
Graduação em Gestão Empresarial do
Instituto Federal de Educação Ciência e
Tecnologia do Rio Grande do Sul como
requisito parcial à aprovação na disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso 2
(TCC 2).

Orientador(a): Prof.Dr^a.TISSIANE SCHMIDT DOLCI.
Coorientador: Prof. Dr^o NILSON VARELLA RÜBENICH.

PORTO ALEGRE
2026

RESUMO

Este estudo analisa o empreendedorismo feminino como estratégia de geração de renda, autonomia econômica e fortalecimento social, especialmente em territórios periféricos marcados por desigualdades de gênero, vulnerabilidade social e acesso limitado a recursos e oportunidades de mercado. Nesse contexto, iniciativas coletivas e redes de apoio assumem papel relevante no fortalecimento das atividades empreendedoras desenvolvidas por mulheres. Assim, o objetivo geral da pesquisa é analisar a contribuição da Associação Empreendedoras Restinga para o empreendedorismo feminino em seu território de atuação. A pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, utilizando o estudo de caso como procedimento metodológico. Os resultados evidenciam que a atuação da associação contribui para o fortalecimento das empreendedoras locais por meio do apoio mútuo, da capacitação, da geração de renda e da ampliação das redes de sociabilidade e colaboração. Além disso, o estudo contribui para as discussões sobre empreendedorismo feminino e desenvolvimento social em contextos periféricos.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino; Associativismo; Territórios periféricos.

ABSTRACT

This study analyzes female entrepreneurship as a strategy for income generation, economic autonomy, and social empowerment, especially in peripheral territories marked by gender inequalities, social vulnerability, and limited access to resources and market opportunities. In this context, collective initiatives and support networks play a significant role in strengthening the entrepreneurial activities developed by women. Thus, the general objective of this research is to analyze the contribution of the Associação Empreendedoras Restinga to female entrepreneurship within its territory of operation. This research is characterized by a qualitative, exploratory approach, using a case study as the methodological procedure. The results demonstrate that the association's activities contribute to the empowerment of local female entrepreneurs through mutual support, training, income generation, and the expansion of sociability and collaboration networks. Furthermore, this study contributes to the discussions on female entrepreneurship and social development in peripheral contexts.

Keywords: Women's Entrepreneurship, Collective Action, Peripheral territories.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 EMPREENDEDORISMO FEMININO	9
2.2 EMPREENDEDORISMO PERIFÉRICO	11
2.3 CAPITAL SOCIAL E ASSOCIATIVISMO	12
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
4. USO DE FERRAMENTAS DE APOIO A PESQUISA:	16
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	17
5.1 ASSOCIAÇÃO EMPREENDEDORAS RESTINGA	17
5.2 DIFICULDADES E DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS	19
6 CONCLUSÃO	28
6.1 SUGESTÕES	29
7 REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE A - TÓPICOS PARA ANÁLISE DOCUMENTAL	34
APÊNDICE B- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS EMPREENDEDORAS	35
APÊNDICE C- ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM AS GESTORAS DA ASSOCIAÇÃO	36
APÊNDICE D- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	37

1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea tem experimentado profundas e aceleradas transformações, especialmente a partir do século XX, período marcado pela consolidação de diversas inovações que impactaram de forma significativa os hábitos e as dinâmicas sociais. De modo geral, tais transformações resultam de dinâmicas de inovação, seja pela criação de elementos inéditos, seja pela capacidade de atribuir novas funções e significados a recursos previamente existentes, mas até então não explorados sob outra perspectiva.

Por trás dessas inovações estão pessoas dotadas de características singulares: visionárias, questionadoras, dispostas a assumir riscos e a transformar ideias em realidade. São elas que reconhecemos como empreendedores (Dornelas, 2012; Schneider, 2012; Sebrae, 2023). Segundo Dornelas (2012), empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam a transformação de ideias em oportunidades. Segundo o Sebrae (2024), as mulheres empreendedoras têm conquistado um espaço cada vez maior entre os donos de negócios no Brasil, totalizando mais de 10 milhões. Embora o empreendedorismo contemple mulheres brancas e negras, para estas últimas, historicamente mais vulneráveis no mercado de trabalho, ter o próprio negócio representa uma oportunidade de autonomia e acesso a novas possibilidades. Situação semelhante ocorre com as mães, que enfrentam barreiras para retornar ou permanecer no mercado formal devido à falta de flexibilidade e à visão preconceituosa de que a maternidade limita o desempenho profissional. Além disso, conforme Dias (2024), muitas mulheres enfrentam dificuldades para acessar fontes de financiamento.

Diante disso, torna-se essencial promover iniciativas que ampliem as oportunidades para que empreendedoras da periferia possam ocupar espaços que, com frequência, parecem inacessíveis. Assim, o empreendedorismo surge como uma alternativa de geração de renda diante dos diversos desafios enfrentados, assumindo significativa relevância social, política e econômica na conjuntura contemporânea.

Segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2024) as iniciativas empreendidas por mulheres costumam estar associadas a um impacto social significativo, com foco em setores como educação, saúde, alimentação e inclusão social. Esse perfil de atuação revela que o empreendedorismo feminino vai além da

geração de renda e do crescimento econômico, assumindo também um papel fundamental na promoção de mudanças sociais e no fortalecimento comunitário.

Nesse contexto, destacam-se iniciativas coletivas como a Associação Empreendedoras Restinga, que surgiu como resposta a preocupações sociais, econômicas e de fortalecimento comunitário (EMPREENDEDORAS RESTINGA, s.d). A Associação Empreendedoras Restinga trata-se de uma iniciativa sem fins lucrativos, fundada em 2019, situada em uma das maiores periferias da capital gaúcha, localizada no extremo sul da cidade.

De acordo com o ObservaPOA (2024), o bairro Restinga conta com uma população de 62.448 habitantes. Referindo-se aos indicadores de trabalho e renda avaliados pelo observatório, dos nove acompanhados, seis figuram entre os de pior desempenho em Porto Alegre, destacando-se o baixo número de pessoas ocupadas, a reduzida proporção de responsáveis com renda acima de dez salários-mínimos, a baixa taxa de participação na população economicamente ativa e o percentual de domicílios em situação de pobreza neste território.

Diante desse cenário, analisar o empreendedorismo feminino em territórios periféricos revela-se essencial tanto do ponto de vista social quanto acadêmico. Socialmente, compreender como mulheres enfrentam desigualdades estruturais e constroem alternativas de renda e autonomia é fundamental para fortalecer políticas e ações voltadas ao desenvolvimento inclusivo. O recorte geográfico justifica-se pela relevância social e econômica da região, caracterizada por forte representatividade de territórios periféricos.

Do ponto de vista acadêmico, Oliveira e Davel (2022) destacam que ainda há uma lacuna significativa de estudos que analisem, de forma aprofundada, o papel de associações locais como redes de apoio e cooperação das empreendedoras. Trata-se de um tema recente e em expansão, cuja compreensão contribui para ampliar o debate sobre empreendedorismo, gênero e território, oferecendo subsídios teóricos e práticos para pesquisas futuras e para a construção de estratégias mais eficazes de apoio às mulheres empreendedoras.

Sob esta perspectiva, o presente estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: Como a atuação da Associação Empreendedoras Restinga contribui para o empreendedorismo feminino em seu território, considerando os desafios sociais, econômicos e culturais enfrentados por essas mulheres?

O objetivo geral é analisar a contribuição da Associação Empreendedoras Restinga para o empreendedorismo feminino em seu território. Para atingir o objetivo geral foram definidos os seguintes objetivos específicos: caracterizar a Associação Empreendedoras Restinga; identificar os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras em territórios periféricos; identificar as estratégias de apoio e cooperação promovidas pela Associação Empreendedoras Restinga.

Dessa forma buscou-se compreender as especificidades deste território e contribuir para o debate sobre empreendedorismo feminino em áreas periféricas e o potencial de apoio e cooperação da Associação Empreendedoras Restinga para estas empreendedoras.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente seção apresenta o referencial teórico utilizado na pesquisa. Foram consultados artigos e livros sobre os temas empreendedorismo, empreendedorismo periférico e feminino, associativismo e capital social. Estes temas formam as subseções deste segmento, apresentadas a seguir.

2.1 Empreendedorismo Feminino

Observa-se que as mulheres têm conquistado cada vez mais espaço em diversas áreas profissionais, e essa evolução também se reflete no campo do empreendedorismo. De acordo com Gomes et al. (2014), as pesquisas em empreendedorismo têm direcionado maior atenção à atuação das mulheres empreendedoras, consolidando o empreendedorismo feminino, em âmbito global, como um tema de destaque na agenda acadêmica. As pesquisas direcionadas ao estudo de mulheres empreendedoras tiveram início na década de 1970, uma vez que, até então, o campo investigativo sobre empreendedorismo encontrava-se voltado predominantemente à atuação masculina (Ahl, 2006). Desta forma, revela-se fundamental adotar uma perspectiva que considere o contexto social e cotidiano das mulheres empreendedoras, reconhecendo os desafios inerentes ao equilíbrio entre suas responsabilidades profissionais, familiares e sociais.

Pontes e Dinis (2024) destacam que, em muitos casos, a inserção no empreendedorismo ocorre como uma resposta à maior vulnerabilidade das mulheres, especialmente em contextos sociais adversos. Com igual relevância, Machado (2012)

ressalta que, embora o empreendedorismo seja amplamente valorizado pela sociedade, ainda persiste a percepção de que essa é uma atividade predominantemente masculina, especialmente quando o setor escolhido não está tradicionalmente associado a profissões consideradas socialmente adequadas para mulheres. Versiani et al. (2021) apontam que muitas mulheres empreendedoras vivenciam um sentimento de culpa devido às dificuldades em equilibrar o trabalho e o cuidado com a família.

Por sua vez, Maia (2022) relata que as mulheres empreendedoras, ao se apresentarem publicamente como “mãe de...”, ressignificam um atributo que, no mundo econômico, é frequentemente associado a limitações, transformando-o em um marcador positivo e socialmente valorizado. Essa valorização, contudo, não é aleatória: ela só se torna compreensível quando inserida em um contexto mais amplo, no qual organizações e espaços de empreendedorismo buscam demonstrar, de forma visível e simbólica, seu compromisso com a diversidade de gênero e com a inclusão das mulheres em setores historicamente marcados pela desigualdade.

Segundo o Sebrae (2024), o empreendedorismo tem se mostrado uma alternativa relevante para a inserção profissional das mulheres, promovendo autonomia e maior acesso ao mercado de trabalho. Em 2024, 34,5% das mulheres donas de negócio possuíam ensino superior incompleto ou nível mais elevado, indicando um aumento da participação de mulheres com maior escolaridade no empreendedorismo e uma mudança no perfil educacional das empreendedoras.

Esse movimento pode ser interpretado de duas formas: positivamente, como sinal de maior qualificação formal para empreender; ou como reflexo das barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho, que dificultam o acesso e a permanência em empregos formais, levando muitas ao empreendedorismo por necessidade. Essa realidade é especialmente evidente entre mulheres mães, que frequentemente encontram obstáculos para conciliar maternidade e trabalho formal, devido à falta de flexibilidade organizacional e a preconceitos associados à maternidade. Diante disso, o empreendedorismo surge como uma alternativa viável de geração de renda e autonomia profissional (Sebrae, 2024; Dias 2024).

Neste sentido, Ferreira et al. (2023), Maragni et al. (2024) e Pessoa et al. (2019) abordam o empreendedorismo feminino periférico evidenciando o empoderamento das mulheres como elemento central para o fortalecimento destas mulheres e suas trajetórias em territórios marcados pela vulnerabilidade e pela marginalização social.

Esses estudos demonstram que o empreendedorismo pode atuar como instrumento de emancipação e construção da cidadania, ampliando o acesso a direitos e promovendo transformações econômicas, sociais e culturais.

2.2 Empreendedorismo periférico

De acordo com GEM, (2024), observa-se um leve crescimento da atividade empreendedora no Brasil. A pesquisa reforça ainda que, após o período da pandemia de Covid-19, o brasileiro passou a ponderar muito mais a possibilidade de se tornar um empreendedor. Sob esta perspectiva observa-se que, nos últimos anos, diversas pesquisas têm buscado analisar as múltiplas facetas do empreendedorismo, especialmente nas periferias urbanas brasileiras, revelando tanto seu potencial transformador quanto às contradições que o permeiam.

Para Drucker (2014), a demografia exerce influência decisiva sobre o empreendedorismo, uma vez que altera a configuração social e, ao mesmo tempo, abre espaço para o surgimento de novas demandas e oportunidades de negócios, afetando tanto a dinâmica social quanto às oportunidades de negócio. Segundo os dados do GEM (2024), 45% dos empreendedores iniciaram seu negócio impelidos por necessidade, evidenciando o maior ingresso de grupos mais vulneráveis, como mulheres, pessoas mais velhas e indivíduos com menor escolaridade e renda.

No contexto do empreendedorismo popular periférico Abílio (2021) realiza uma análise crítica, destacando que, embora ele seja frequentemente acionado como estratégia de sobrevivência diante da escassez de empregos formais, está atravessado por diversas contradições. Entre elas, sobressaem a informalidade, a precarização do trabalho e a difusão de um discurso neoliberal que valoriza a autonomia individual, muitas vezes ignorando as desigualdades estruturais que condicionam essas iniciativas.

De forma complementar, Costa (2024), Maragni et al., (2024) argumentam que, apesar de o empreendedorismo ser comumente associado ao individualismo neoliberal, sua apropriação nos territórios periféricos urbanos pode assumir outros significados. Nesses contextos, ele pode expressar uma economia moral baseada em vínculos locais, práticas de solidariedade e estratégias de resistência às imposições do mercado. Também destaca-se as tensões e ambiguidades presentes na busca por independência econômica em cenários marcados pela precariedade estrutural, pela informalidade, pela insegurança e pelo enfraquecimento dos laços comunitários.

Costa (2024) aponta que viver na periferia geralmente implica longos e desgastantes deslocamentos até os locais de trabalho. No entanto, o autor identifica uma perspectiva alternativa, segundo a qual esses sujeitos podem ser considerados relativamente privilegiados ao romperem a dependência de empresas e comércios situados nas áreas centrais, por meio da criação de iniciativas próprias, como pequenos negócios locais. Em regiões mais periféricas, observa-se uma forte relação de pertencimento entre comerciantes e seus bairros, nos quais esses atores se reconhecem como referências locais e constroem vínculos baseados no reconhecimento mútuo e na sociabilidade cotidiana.

De modo geral, estes estudos apontam que o empreendedorismo periférico costuma ser associado à ideia de necessidade, mas essa interpretação não contempla toda a sua complexidade. Essa prática envolve, resistência e inovação social, características fortemente presentes nesses territórios. Os empreendedores não se veem apenas como sujeitos em condição de precariedade, mas como protagonistas na criação de soluções e oportunidades para suas comunidades. Reconhecer essa dupla dimensão é essencial para compreender o empreendedorismo como um fenômeno social marcado simultaneamente por contextos de vulnerabilidade e por processos de emancipação (Fontes, 2023).

2.3 Capital social e associativismo

Segundo Fontes (2023), o empreendedorismo é analisado de forma crítica, sem romantizações, e em oposição à noção de meritocracia, comumente associada ao discurso empreendedor e às reformas pró-mercado. Em seu estudo o empreendedorismo pode ser compreendido como uma ferramenta de ampliação de direitos, ao possibilitar que pessoas em situação de pobreza acessem carreiras e façam escolhas profissionais historicamente negadas pela exclusão social. Nesse sentido, o foco desloca-se do sucesso individual para o direito de construir trajetórias profissionais orientadas pelos próprios sonhos e pelas necessidades do território em que estão inseridas.

Por sua vez, Oliveira (2018), destaca que as associações comunitárias e coletivos locais desempenham papel fundamental na organização das demandas sociais e na formação de redes de solidariedade, constituindo-se como espaços de representação política e fortalecimento socioeconômico. Assim, o empreendedorismo e a atuação associativa nas periferias se interconectam como dimensões

complementares de um mesmo processo de autonomia, pertencimento e transformação social, em que as iniciativas econômicas individuais se fortalecem por meio da ação coletiva e das estruturas associativas locais. De acordo com Lüchmann (2014), às associações exercem impactos significativos no processo de socialização dos indivíduos, oferecendo possibilidades de promover a reprodução, a integração ou a transformação social, impulsionando o desenvolvimento econômico e fortalecendo vínculos de pertencimento e identidade cultural, entre outros aspectos. A autora ainda destaca que as associações exercem um papel de extrema importância pois cultivam o desenvolvimento de virtudes cívicas, consideradas cruciais para uma sociedade democrática.

Semelhantemente, Kerstenetzky (2003) ressalta que o associativismo possui o potencial de reduzir desigualdades políticas ao incidir sobre as desigualdades sociais. Isso porque, quando intensas, tais desigualdades socioeconômicas estão ligadas a diversas consequências negativas, como baixo crescimento econômico, ineficiência, pobreza, violência e uma democracia de baixa qualidade, marcada não apenas pela fragilidade na efetividade dos direitos civis, mas também pela desigualdade no acesso aos direitos políticos. Logo para o autor a própria durabilidade das democracias parece estar condicionada ao grau de desigualdade existente (Kerstenetzky, 2003).

Conforme Oliveira (2018), a história do associativismo de trabalhadores e moradores de favelas fez parte das tradições de protesto político entre 1945 e 1964. Porém, evidencia que a historiografia desse período democrático costuma dar pouca atenção a essas práticas, concentrando-se mais na atuação de partidos e sindicatos para explicar a construção das identidades políticas dos trabalhadores. Quando as associações civis são estudadas, geralmente aparecem de forma isolada, vinculadas apenas ao contexto específico de uma cidade, bairro ou favela, como se não tivessem relação com o cenário político nacional nem com outras experiências urbanas. Para compreender o papel das associações voltadas ao empreendedorismo feminino na dinâmica política e comunitária dos territórios periféricos, a noção de capital social revela-se essencial.

De acordo com Bourdieu (1986), o mundo social é resultado de uma história acumulada, e, portanto, não pode ser entendido apenas como um conjunto de relações momentâneas entre indivíduos isolados. O autor enfatiza que o capital deve ser concebido em suas múltiplas formas, e não apenas na forma monetária reconhecida pela teoria econômica, uma vez que constitui uma força estruturante que

organiza as relações sociais e as oportunidades no interior da sociedade. Nesse contexto, o capital social refere-se às redes de relações, contatos e vínculos sociais que os indivíduos e grupos constroem ao longo do tempo, e que podem gerar benefícios, oportunidades e reconhecimento simbólico. Trata-se, portanto, de uma dimensão essencial da vida coletiva, que contribui para o fortalecimento das práticas associativas e para a consolidação de espaços de cooperação, pertencimento e transformação social (Bourdieu, 1986).

Segundo Lüchmann (2014), no Brasil as associações de moradores desempenham um papel político central, atuando na representação de demandas coletivas e na mobilização social, diferentemente do caráter mais cívico observado no contexto norte-americano. Para compreender o associativismo e sua relação com a democracia, o autor ressalta a necessidade de analisar não apenas as associações em si, mas também os atores, recursos, formas de articulação e as condições sociais, econômicas, políticas e culturais que estruturam suas práticas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e caracteriza-se como estudo de caso, pois buscou analisar como a atuação da Associação Empreendedoras Restinga contribui para o fortalecimento do empreendedorismo feminino em um território periférico. Conforme Yin (2010), o estudo de caso possibilita investigar empiricamente um fenômeno contemporâneo em seu contexto real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa possui caráter exploratório, uma vez que buscou compreender o fenômeno, identificar padrões e gerar reflexões sobre o tema, em vez de testar hipóteses previamente estabelecidas (Collis; Hussey, 2005). A investigação também apresenta caráter descritivo, pois procurou relatar e interpretar informações obtidas junto às participantes, contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado (Vergara, 2005; Gil, 2010).

A coleta de dados foi realizada por meio de múltiplas fontes de informação, estratégia que contribui para ampliar a confiabilidade e a validade das conclusões (Yin, 2010). O processo ocorreu em três etapas: (1) revisão bibliográfica, com foco nos temas empreendedorismo feminino, capital social e associativismo; (2) análise de dados secundários, incluindo documentos institucionais, publicações oficiais, reporta-

gens e informações disponíveis no *site* da Associação Empreendedoras Restinga, utilizados para compreender o contexto socioeconômico do território e as ações desenvolvidas pela entidade (Apêndice A); e (3) entrevistas semiestruturadas com empreendedoras (Apêndice B) e integrantes da diretoria da associação (Apêndice C), realizadas com base em roteiros previamente elaborados a partir do referencial teórico.

Foram realizadas onze entrevistas com participantes entre 33 e 49 anos, sendo nove com empreendedoras associadas, cujo tempo de vinculação à associação variava entre três meses a sete anos, e duas com integrantes da equipe gestora da Associação Empreendedoras Restinga. As entrevistas ocorreram entre 15 de janeiro e 28 de fevereiro de 2026, sendo sete de forma presencial e quatro pelo *google meet*. Foram gravadas e posteriormente transcritas, constituindo a base de dados da pesquisa. A definição do número de participantes seguiu o critério de saturação dos dados, ou seja, as entrevistas foram conduzidas até o momento em que novas informações deixaram de acrescentar elementos relevantes à análise (Falqueto; Hoffmann; Farias, 2018).

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFRS, sendo aprovada conforme parecer consubstanciado nº 7.864.083/2025. Todas as participantes receberam previamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice D) e tiveram sua identidade preservada, sendo identificadas por códigos (E1, E2, E3...), garantindo o anonimato e o cumprimento dos princípios éticos da pesquisa.

Por fim, a análise dos dados obtidos, foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo que possibilita compreender, organizar e identificar o que é dito sobre determinado tema, optou-se pela análise de conteúdo de grade fechada, na qual, segundo Vergara (2005), define-se as categorias apropriadas e observa-se na literatura os elementos que integram o material selecionado. Com o intuito de atender os objetivos da pesquisa e favorecer organização e análise sistemática dos dados, foram definidos temas de análise, em consonância com os instrumentos apresentados nos apêndices A, B e C.

A escrita da análise dos dados foi orientada e estruturada a partir dos objetivos da pesquisa, garantindo que a interpretação do material empírico estivesse diretamente alinhada ao seu propósito investigativo.

Quadro 1. Síntese do método da pesquisa.

Objetivos Específicos	Abordagem	Sujeitos	Técnica de Coleta de Dados	Formas de registro	Tratamento dos dados
Caracterizar a Associação Empreendedoras Restinga	Qualitativa	Empreendedoras vinculadas a Associação.	Entrevista	Gravação Presencial	Análise de conteúdo.
Identificar os desafios enfrentados por mulheres empreendedoras em territórios periféricos.		Empreendedoras vinculadas a Associação.	Entrevista	Gravação Presencial	Análise temática de conteúdo.
		Associação	Pesquisa bibliográfica e documental.	Fichamentos de leitura.	Análise temática de conteúdo.
Identificar as estratégias de apoio e cooperação promovidas pela Associação Empreendedoras Restinga.		Diretoras da Associação	Entrevista	Gravação Presencial	Análise de conteúdo.
		Associação	Pesquisa bibliográfica e documental	Fichamentos de leitura.	Análise de conteúdo.

Fonte: elaborado pela autora (2026).

4. USO DE FERRAMENTAS DE APOIO A PESQUISA

Declaro que a ferramenta de Inteligência Artificial Generativa ChatGPT (OpenAI GPT-4º) foi utilizada neste trabalho como apoio à correção gramatical e ortográfica do texto elaborado pela autora. Também foi empregada para auxiliar na tradução técnica e no aprimoramento do Abstract (resumo em língua inglesa). O uso da ferramenta restringiu-se ao suporte à redação, permanecendo sob inteira responsabilidade da autora a análise crítica, a interpretação dos dados, a construção dos argumentos e todo o conteúdo apresentado nesta pesquisa.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados no estudo de caso. As informações provenientes das entrevistas semiestruturadas e dos documentos analisados foram interpretadas por meio da técnica de análise de conteúdo. Para facilitar a compreensão dos resultados, os dados foram organizados de acordo com os objetivos específicos do estudo.

5.1 Associação empreendedoras restinga

A análise dos dados fundamenta-se na articulação e triangulação das informações obtidas no estudo de caso da Associação Empreendedoras Restinga. Para compreensão do fenômeno investigado, apresenta-se primeiramente a entidade que surgiu a partir de uma demanda coletiva identificada por empreendedoras locais, especialmente diante das dificuldades de acesso ao bairro, marcadas por fatores como distância, estigmatização e percepção de insegurança.

A entrevistada E12 relata que, no primeiro momento, este coletivo era informal, entre amigas que tinham seus negócios. Porém, já em sua primeira reunião, “superlotou com cerca de 80 mulheres” (E12), de modo que as reuniões semanais se tornaram essenciais em suas vidas. Assim, no ano de 2019, após um período de encontros semanais, identificou-se a necessidade de formalizar a rede por meio da criação de um CNPJ e sua constituição como associação.

Diante da ausência de apoio institucional durante o processo de formalização, especialmente por parte do poder público, de órgãos de incentivo ao empreendedorismo feminino e de assessoria jurídica e administrativa, a fundadora conduziu toda a estruturação da associação por iniciativa própria, contando apenas com o auxílio e o suporte das empreendedoras do bairro (E12). Essa formalização visava ampliar a capacidade de apoio às empreendedoras, tornando a atuação mais eficaz, além de possibilitar a participação em movimentos e a articulação com parceiros estratégicos.

Atualmente, a Associação conta com aproximadamente cinquenta associadas que participam ativamente do grupo. Trata-se de um público heterogêneo, tanto em relação aos segmentos de atuação quanto ao tempo de vínculo, que varia de quatro meses a sete anos, além de abranger diferentes faixas etárias. Em comum, essas mulheres buscam apoio para o desenvolvimento e fortalecimento de seus negócios.

De acordo com o estatuto, a associação possui uma diretoria executiva composta por seis integrantes: uma presidente, uma vice-presidente, três secretárias e uma tesoureira. A atual gestão foi eleita conforme as diretrizes estatutárias, que preveem a realização de eleições a cada seis anos, assegurando a todas as empreendedoras associadas o direito de se candidatar. Em relação ao vínculo, para se tornar uma associada, não é necessário possuir CNPJ. A mensalidade é de R\$50,00 reais, um valor simbólico e acessível necessário para que a associação possa se manter cobrindo despesas básicas, como o pagamento do aluguel.

As entrevistadas E8 e E11, que integram a gestão da Associação, destacaram que a organização enfrenta diversas demandas simultâneas, incluindo a gestão de questões burocráticas, a captação de recursos, o estabelecimento de parcerias, a busca por mentores para capacitações, a manutenção das redes sociais e o relacionamento com as associadas. Enfatizaram a necessidade de uma atuação sensível e personalizada junto às empreendedoras, ressaltando que “cada caso é um caso” (E8).

Em relação a questões financeiras da Associação, esclareceram que a contribuição financeira das associadas é destinada exclusivamente à cobertura dos custos operacionais. A partir da análise das atas das assembleias gerais realizadas trimestralmente, foram identificadas informações detalhadas sobre a prestação de contas, incluindo o saldo disponível em caixa, bem como dados relativos a taxas e despesas fixas da associação. Além disso, a entrevistada E8 apontou que o trabalho realizado de forma voluntária na associação frequentemente impacta a vida pessoal das gestoras, chegando, em alguns casos, a interferir em seus próprios empreendimentos.

Quando questionadas sobre os objetivos futuros, uma das entrevistadas (E11) relatou que, no presente ano, foi estruturado um grupo de planejamento estratégico composto por associadas mais atuantes e participativas. Tal iniciativa tem como propósito ouvir novas ideias, preparar essas integrantes para futuras posições de gestão e estabelecer metas voltadas ao alcance dos objetivos institucionais.

Ainda sobre projeções futuras a entrevistada E8 acrescenta que, desde a fundação da associação, o principal sonho tem sido a conquista de uma sede própria. Segundo ela, a entidade ainda está empenhada em viabilizar esse objetivo durante a atual gestão. A concretização dessa meta poderá ampliar significativamente as oportunidades oferecidas à associadas, uma vez que a existência de um espaço

próprio eliminaria a necessidade de cobrança de mensalidades, favorecendo, assim, o acesso a um número maior de mulheres empreendedoras.

Quanto às oportunidades, as empreendedoras associadas têm acesso a cursos de capacitação, participação em eventos, palestras e workshops que podem ser gratuitos ou com condições especiais de desconto. Outro benefício é o direito a três diárias mensais gratuitas no espaço de coworking. Adicionalmente, participam de um grupo no WhatsApp e de dinâmicas de divulgação promovidas pelo coletivo, ampliando conexões e oportunidades.

Conforme verificado nas atas, em todas as reuniões é garantido espaço de fala às associadas e são registradas sugestões de melhorias apresentadas pelas próprias integrantes. As demais comunicações e eventuais reuniões extraordinárias são convocadas conforme a necessidade, por meio do grupo de WhatsApp.

No que se refere à presença digital, a associação conta com mais de 7 mil seguidores em suas redes sociais, consolidando-se como um importante canal de comunicação e engajamento com a comunidade empreendedora da região. Esse espaço cumpre um papel estratégico na divulgação de iniciativas, no apoio às associadas e no fortalecimento do empreendedorismo feminino no território. Nas avaliações da página, a instituição apresenta 100% de recomendação, acompanhada de diversos comentários positivos de mulheres que destacam o apoio recebido e reconhecem a associação como uma importante oportunidade de crescimento pessoal e profissional, corroborando os relatos de todas as entrevistadas neste estudo.

5.2 Dificuldades e desafios enfrentados por mulheres em territórios periféricos

Neste tópico buscou-se identificar os principais obstáculos enfrentados pelas entrevistadas no processo de criação, manutenção e desenvolvimento de seus negócios, compreendendo como essas dificuldades impactam a trajetória das empreendedoras e quais estratégias são mobilizadas por elas para enfrentá-las e superá-las.

Nas falas das entrevistadas E7, E10 e E11 ficou evidente um dos principais desafios enfrentados por mulheres empreendedoras: o preconceito de gênero. As entrevistadas (E10, E11) relataram ter enfrentado preconceito por ser mulher e atuar em áreas tradicionalmente associadas aos homens. Já a entrevistada (E7) mencionou situações em que sua posição como proprietária de uma clínica foi questionada,

evidenciando a dificuldade de reconhecimento de sua autoridade como gestora do próprio negócio.

Passei por vários desafios, preconceitos por ser mulher. Inclusive muitas mulheres que vinham com o marido já não me viam muito bem, porque era uma mulher, e estava aqui, eu ouvia assim: aqui não é lugar de mulher, que eu estava querendo me aparecer, querendo me mostrar, procurando macho (E11).

Estas falas corroboram a perspectiva de Ahl (2006) e Machado (2012), onde os autores destacam que uma das principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres no empreendedorismo está relacionada às desigualdades de gênero, historicamente construídas, que consolidaram a ideia de que o espaço empresarial é predominantemente masculino. Essa construção social contribui para a deslegitimação da atuação feminina em determinados setores e para a persistência de estereótipos que questionam sua capacidade de gestão e liderança.

O relato da empreendedora (E7) evidencia a necessidade de ampliar o debate sobre o tema, pois, a entrevistada afirma que acabou se acostumando com esse tipo de preconceito, revelando não apenas a recorrência dessas situações, mas também o quanto essas práticas ainda estão naturalizadas, reforçando a urgência de ações que promovam maior equidade no ambiente do empreendedorismo feminino.

Então, quando chega fornecedor, vendedor, seja o que for, perguntam: Queria falar com o responsável. Respondo sou eu. Então insistem não com o dono, digo: não sou eu, a dona. Só que é muito maluco isso, porque a gente vai se acostumando com esse preconceito (E7).

No contexto periférico, as dificuldades tendem a se intensificar em razão das condições estruturais de precariedade, da informalidade e da insegurança econômica, características frequentemente associadas ao empreendedorismo popular (Abílio, 2021). Nesse cenário, muitas das empreendedoras são mães solo, responsáveis principais pelo sustento de seus lares, o que amplia ainda mais os desafios enfrentados.

Diante dessa realidade, seis das entrevistadas relataram que o empreendedorismo surge como uma alternativa possível de geração de renda e manutenção da subsistência familiar. Contudo, essa inserção ocorre, em grande parte, marcada por limitações de recursos, instabilidade financeira e acúmulo de

responsabilidades, evidenciando como as desigualdades sociais e de gênero atravessam suas trajetórias empreendedoras.

Na verdade, iniciei em 2015, por necessidade como sacoleira bem informal, agora faz quase dois anos que eu comecei a empreender, iniciei com o dinheiro do bolsa família, eu comprei as primeiras roupas com este dinheiro. Eu vendia, pegava o dinheiro e gastava (E1).

Em consonância com essa perspectiva, a entrevistada E4 relata que sua trajetória empreendedora teve início durante a pandemia, período em que passou a atuar como motorista de aplicativo. Entretanto, pouco tempo depois, foi diagnosticada com uma doença grave, o que a impossibilitou de continuar exercendo a atividade. Diante dessa circunstância, e por necessidade, viu-se compelida a se reinventar, fazendo doces e bolos, a partir de receitas que havia aprendido com sua avó, dando início a um novo empreendimento. Para viabilizar a logística de entregas, contou com o apoio de uma amiga, que assumiu a responsabilidade por essa etapa do processo.

Eu estava doente, em 2020 descobri um câncer metastático, e por causa do tratamento não tinha como trabalhar fora, então não recebia nada e tinha um filho. Acho que o principal motivo era esse, eu precisava trabalhar, em plena pandemia de Covid-19, para sustentar o meu filho. O dinheiro estava escasso (E4).

Dados do Sebrae (2024) apontam que o empreendedorismo vem se firmando como uma alternativa relevante e acessível para a inserção das mulheres no mercado de trabalho, contribuindo para o fortalecimento de sua autonomia e a ampliação de suas oportunidades profissionais. Nesse contexto, a entrevistada E8 relata que sua motivação para empreender surgiu de uma realidade comum a muitas mulheres: a maternidade. Segundo ela, a dupla jornada e a ausência de redes de apoio, dificultam o retorno ao mercado formal de trabalho, levando muitas mulheres a buscarem no empreendedorismo uma forma de conciliar responsabilidades e gerar renda.

O que pega muito é a questão da rede de apoio, eu preciso sair para atender uma cliente, quem vai ficar com os meus filhos? A principal barreira que eu vejo para nós mulheres, é se tem filhos, com quem vão ficar esses filhos, para que a gente possa sair para trabalhar? (E9).

Quando questionadas sobre a discriminação territorial, oito das entrevistadas relataram já ter vivenciado esse tipo de situação em suas trajetórias empreendedoras. Entre os principais desafios, destaca-se que muitos clientes deixam de contratar seus

serviços ou adquirir seus produtos por não quererem se deslocar até o bairro. Para Drucker (2014), a demografia exerce influência significativa sobre o empreendedorismo. Sendo assim, a forma como determinados territórios são percebidos socialmente, pode gerar estigmas que se traduzem em preconceito geográfico.

Diante disso, algumas estratégias são adotadas para minimizar essas barreiras. Uma das empreendedoras (E7), relatou, por exemplo, que optou por não incluir no nome do seu negócio qualquer referência ao bairro, justamente para evitar resistência já no primeiro contato com o público. Outro aspecto relacionado ao estigma territorial, mencionado pelas entrevistadas, refere-se ao fato de que, além de influenciar as decisões de consumo, esse estigma também se manifesta por meio de chacotas e piadas associadas ao território. Destaca-se, nesse contexto, a fala da entrevistada E9:

Sim, sim, primeiro a função da distância né quando eu falo de onde sou, sempre ouço assim: Ah tu moras lá onde Judas perdeu as botas. Falando dessa questão de não ser centralizada, e em segundo, muitas vezes a gente acaba ouvindo falar da Restinga só coisas ruins (E9).

Quando questionadas acerca das estratégias adotadas para manter seus negócios ativos, as entrevistadas em unanimidade relataram a necessidade constante de atualização profissional e de investimento frequente em divulgação, especialmente como forma de fortalecer a visibilidade e a competitividade no mercado. A entrevistada E9 destacou que é fundamental investir em *networking*, tanto para ampliar a divulgação quanto para estabelecer parcerias estratégicas, evidenciando que tal prática é fundamental para quem inicia a trajetória empreendedora.

As entrevistadas E7 e E3 reconheceram que a trajetória no empreendedorismo é solitária e que a “musculatura empreendedora” (E7) é desenvolvida gradualmente ao longo do tempo. Ressaltaram que a permanência nessa atividade exige coragem e determinação diante das incertezas e dos desafios cotidianos inerentes ao ato de empreender.

E a gente viu que tinha demanda e aí nós abrimos mais um consultório. Até que, um dia, a minha sócia, muito estudiosa, sempre foi muito estudiosa, só que ela não segurava bem a onda do empreendedorismo de uma hora ter, e outra hora não ter. De ter agenda vazia e, mesmo assim, tu ter que ficar no consultório. Ela não segurava muito bem essa onda. E ela fez um concurso e passou. E aí, ela me deixou (E7).

É primordial e facilita muito ter uma rede de apoio, não tem como, porque empreender é muito solitário, é a gente para tudo sabe, tem gente que fala assim: É fácil! Eu digo: Não é um caminho fácil não, não tem nada fácil, sabe... e não é só o financeiro, é eu para praticamente tudo! (E3).

Em síntese, os relatos das entrevistadas mostram que o empreendedorismo feminino, especialmente em contextos periféricos, é marcado por uma série de desafios estruturais que articulam desigualdades de gênero, vulnerabilidades socioeconômicas e discriminação territorial. Os estigmas vinculados ao território periférico reforçam processos de exclusão e dificultam a consolidação dos negócios.

As experiências narradas demonstram que o preconceito relacionado à atuação feminina em determinados segmentos, a ausência de redes de apoio, a sobrecarga associada à maternidade e as limitações econômicas constituem obstáculos recorrentes na trajetória dessas empreendedoras. Apesar disso, observa-se que as entrevistadas mobilizam diferentes estratégias de resistência e permanência, como a busca constante por qualificação profissional, o investimento em divulgação e a adaptação de seus modelos de trabalho às demandas e limitações cotidianas.

5.3 Apoio e cooperação promovidos pela Associação Empreendedoras Restinga

Nesta seção, busca-se identificar as estratégias de apoio e cooperação promovidas pela Associação Empreendedoras Restinga. Segundo dados do *site* Empreendedoras Restinga (2019), o objetivo da associação é “valorizar a mulher empreendedora, proporcionar conhecimento técnico para melhor administração das suas empresas, incentivar a troca de conhecimentos, ampliar a visão de negócios, independência financeira e a valorização do bairro Restinga na zona sul de Porto Alegre, através de negócios de impacto social”.

Ao serem questionadas sobre o papel da associação em suas trajetórias, as nove empreendedoras destacaram, de forma unânime, que o espaço se caracteriza por ser acolhedor, humanizado e propício à troca de experiências. Segundo seus relatos, a associação vai além de um ambiente voltado apenas ao desenvolvimento profissional, configurando-se também como um local de escuta, partilha e construção coletiva. Para aquelas que não dispõem de uma rede de apoio em seus contextos pessoais, a associação assume um papel ainda mais significativo, funcionando como um

suporte essencial tanto no aspecto prático quanto emocional, fortalecendo vínculos e promovendo um sentimento de pertencimento.

Hoje a gente tem os nossos encontros, às vezes a realidade de uma também é da outra, uma se fortalece junto com a outra, aprendemos juntas. Então eu acredito que é um grupo bem humano, assim, bem acolhedor, quem chega novo gosta muito do nosso grupo (E5).

Eu sempre sou muito grata porque foi através das empreendedoras que todas as oportunidades vieram, inclusive de me reinventar, foi através dali né então eu sempre digo: toda vez que eu posso exaltar eu exalto porque eu sei o peso que elas têm na minha vida (E2).

Ao relatar sua experiência, a entrevistada E9 mostra, na prática, o papel das associações, destacado por Oliveira (2018), ao afirmar que esses espaços desempenham função essencial na organização das demandas sociais e na construção de redes de solidariedade. Ao relatar que, em aproximadamente 90% das vezes, precisa levar seus filhos nas reuniões e capacitações por não dispor de uma rede de apoio, E9 demonstra como a associação supre essa lacuna ao disponibilizar um espaço kids acolhedor, viabilizando sua participação nas atividades. Além disso, menciona o suporte emocional oferecido pelas demais empreendedoras, sempre dispostas a ouvir e acolher, reforçando os laços de união e solidariedade entre as participantes.

Elas criaram espaço para as crianças, a brinquedoteca. Eu mesma cansei de levar meu pequeno comigo, porque não tinha com quem deixar, sabe? Isso é muito bacana. Elas pensaram em mensalidade social para quem não pode pagar, eu nunca me senti de lado (E2).

Em relação ao acesso a oportunidades e ao crescimento, oito das entrevistadas relataram que perceberam sua entrada na associação como uma oportunidade de aquisição de conhecimento e desenvolvimento pessoal e dos seus negócios, além de enxergarem isso como uma forma de ampliar a visibilidade de seus negócios.

Me transformou como pessoa e como profissional, tive que aprender a lidar com pessoas, ter mais empatia, estou aprendendo a organizar e planejar minha vida. Agora acredito que eu estou no caminho certo, porque eu estou fazendo o que realmente eu gosto né (E1).

No que diz respeito às capacitações e aos cursos observados nas redes sociais, percebe-se a diversidade de conteúdos ofertados às empreendedoras participantes. Entre as iniciativas destacadas, encontra-se a “Jornada (Eu) Empreendedora”, composta por seis encontros que contemplaram assuntos como finanças na prática,

criatividade para inovar com os recursos disponíveis, marketing e vendas, inspiração e propósito, gestão e formalização de negócios.

Identificou-se a existência de um *podcast* vinculado a um canal no YouTube, desenvolvido em parceria com o projeto, no qual as empreendedoras tiveram a oportunidade de compartilhar suas experiências, divulgar seus trabalhos e ampliar a visibilidade de seus empreendimentos. Outras ações formativas também foram promovidas, abrangendo temáticas variadas, como boas práticas para serviços de alimentação, curso de automaquiagem e uma noite de *stand-up comedy*. Esta última atividade destacou-se por unir entretenimento e reflexão, possibilitando discussões sobre os desafios e vivências da mulher empreendedora de maneira leve e descontraída.

Adicionalmente, a entrevistada E5 relatou a participação de uma equipe de mentores provenientes de outro estado, cuja proposta consistia em auxiliar as empreendedoras no reconhecimento e desenvolvimento de suas forças pessoais e características individuais. Segundo a entrevistada, essa experiência teve impacto significativo em seu processo de autoconhecimento e fortalecimento pessoal, ao contribuir para a identificação das potencialidades de cada participante e de como tais atributos poderiam favorecer sua atuação profissional. A entrevistada descreveu o período como uma semana marcada por intensas trocas de experiências, momentos de descoberta e reflexão sobre si mesmas. Por fim, E5 ressaltou a qualidade do trabalho desenvolvido pela equipe de mentores, classificando a experiência como enriquecedora e significativa para todas as envolvidas.

Ainda no que se refere ao acesso a oportunidades, a análise das redes sociais evidencia a participação da associação e de suas associadas em grandes eventos voltados à inovação e ao empreendedorismo, o que reforça sua presença em ambientes estratégicos e de alto impacto. Outro aspecto relevante é a divulgação de parcerias com instituições de ensino e organizações de apoio ao empreendedorismo, com foco na oferta de mentorias, cursos e capacitações.

Essa perspectiva dialoga com as contribuições teóricas de Lüchmann (2014) e Bourdieu (1986), ao compreender que as redes de relações e os vínculos construídos coletivamente constituem recursos capazes de gerar oportunidades e ampliar o acesso a diferentes formas de apoio social e econômico.

Está acontecendo mais parcerias, mais ofertas de cursos, isso chama mais atenção. Vou te dar um exemplo: Se não fosse elas eu não teria ido no *South Summit Brazil*, a gente não pagou o ingresso e minha

marca esteve lá dentro. Já consegui várias oportunidades por causa disso (E3).

Segundo Lüchmann (2014), as associações contribuem para o desenvolvimento de qualidades essenciais à vida em uma sociedade democrática, como cooperação, respeito às regras, participação e responsabilidade coletiva. Esse entendimento pode ser observado na fala da entrevistada (E10), que afirma que a associação foi criada com o objetivo de compartilhar dores, enfrentar dificuldades e conquistar objetivos de forma conjunta. A entrevistada ressalta que todas as ações da associação são construídas e decididas coletivamente, inicialmente no âmbito do comitê gestor e, posteriormente, com a participação das associadas, que têm garantido o direito de opinar e tomar decisões (E10).

Neste mesmo contexto, referindo-se à participação, o Estatuto da Associação assegura aos membros efetivos uma série de direitos, como candidatar-se à diretoria nas eleições, votar nas assembleias gerais, solicitar, a qualquer momento, informações sobre o funcionamento da entidade e usufruir dos serviços oferecidos. Ademais, as associadas podem sugerir pautas e solicitar a realização de reuniões sempre que julgarem necessário. Dessa forma, as diretrizes estabelecidas no documento asseguram condições que favorecem a participação ativa e colaborativa das empreendedoras vinculadas à associação.

A empreendedora E8 destaca que um dos ganhos mais significativos proporcionados pela associação foi sua transformação pessoal, além da possibilidade de estabelecer vínculos de amizade no ambiente coletivo. Essa percepção converge com conceito de capital social proposto por Bourdieu (1986), uma vez que a rede de relações construída na associação é geradora de oportunidades e reconhecimento simbólico às associadas.

Foi um momento de transformação pessoal para mim, muito legal, eu conheci muitas pessoas e fiz muitas amigas ali dentro. Tenho orgulho de dizer que conheço essas mulheres. Sempre digo para as gurias se a associação acabasse hoje, eu já seria muito grata (E8).

Entretanto, quatro das entrevistadas destacam que, em alguns momentos, há pouca interação e engajamento por parte de determinadas associadas, o que faz com que as mesmas pessoas acabem participando com mais frequência das oportunidades oferecidas. Elas reconhecem que a associação desempenha um papel importante e contribui significativamente, porém enfatizam que a participação efetiva depende

também do engajamento individual de cada associada para que possa aproveitar as oportunidades disponíveis.

A única coisa é que as pessoas não aproveitam. Às vezes tem eventos, cursos, mentorias enfim, e tu, chega lá e a associação está vazia. E não é por falta de divulgação, as gurias divulgam, a gente compartilha nas nossas redes também como associadas (E6).

As oportunidades aparecem, mas, nem todas interagem ou se ajudam, acaba que sempre são as mesmas que vão, não dá para pegar pelo braço e levar, cada uma precisa lutar pelo seu negócio! Algumas acham que é panelinha, mas falta engajamento, nem todo mundo aproveita as oportunidades (E2).

Portanto, a análise da atuação da Associação Empreendedoras Restinga ilustra como o empreendedorismo coletivo pode transformar realidades, fortalecendo mulheres e impulsionando o desenvolvimento local e crescimento sustentável. Ao proporcionar acolhimento, capacitação, geração de oportunidades, autonomia financeira e cooperação entre mulheres empreendedoras, contribui também para a inclusão social e a valorização do protagonismo feminino.

6 CONCLUSÃO

Este estudo objetivou analisar a contribuição da Associação Empreendedoras Restinga para o fortalecimento do empreendedorismo feminino em seu território. Os resultados obtidos indicam que a instituição representa um importante instrumento de fortalecimento social, econômico e comunitário para as mulheres empreendedoras da periferia, favorecendo a inclusão, a autonomia e a valorização feminina no território em que está inserida.

Evidenciou-se que a Associação Empreendedoras Restinga se constitui como uma organização sem fins lucrativos dedicada ao fortalecimento da autonomia das mulheres da comunidade, por meio de ações de apoio mútuo, capacitação e incentivo à geração de renda. A associação exerce ainda um papel relevante na promoção do protagonismo feminino, estimulando a solidariedade entre as empreendedoras, ampliando as possibilidades de desenvolvimento profissional e social.

A investigação evidencia que o empreendedorismo feminino em contextos periféricos emerge, majoritariamente, da necessidade vinculada à instabilidade financeira, desemprego ou maternidade, sendo o empreendedorismo uma alternativa de sustento. Os desafios estruturais enfrentados pelas empreendedoras envolvem desigualdade de gênero, vulnerabilidade socioeconômica e estigmatização territorial. Nesse cenário, a ausência de rede de apoio e a sobrecarga das responsabilidades familiares aparecem como barreiras recorrentes. A discriminação territorial se mostra relevante, pois o estigma associado ao bairro impacta diretamente a visibilidade e a captação de clientes.

A associação vai além da dimensão profissional, ao oferecer acolhimento, troca de experiências e suporte emocional, especialmente para mulheres que não dispõem de rede de apoio. Já as ações de capacitação contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional das empreendedoras ao, ampliarem seus conhecimentos em gestão e favorecerem sua inserção em redes e oportunidades externas. Esse processo impulsiona a construção de capital social, por meio da formação de vínculos, confiança e relações que geram oportunidades e fortalecimento coletivo. Assim, conclui-se que, embora atravessado por múltiplas barreiras, o empreendedorismo feminino na periferia se sustenta por estratégias de resistência e superação.

Outro aspecto relevante evidenciado é a promoção da participação e da gestão coletiva, com base em princípios democráticos que assegurem o envolvimento das

associadas nas decisões e atividades da entidade. Contudo, observa-se como desafio o engajamento desigual entre as participantes, o que impacta a ocupação e aproveitamento das ações ofertadas.

A partir dos resultados, compreende-se que o empreendedorismo, para essas mulheres, ultrapassa a dimensão econômica, configurando-se também como uma alternativa de autonomia, sobrevivência e afirmação social. Assim, torna-se fundamental ampliar as discussões acerca das especificidades do empreendedorismo feminino periférico, bem como fortalecer políticas públicas e iniciativas institucionais que promovam maior equidade de gênero, valorização territorial e melhores condições de desenvolvimento para essas mulheres.

Finalmente, destaca-se a possibilidade de viés de seleção como uma limitação deste estudo, uma vez que mulheres mais participativas e ativas na associação tendem a ser mais acessíveis à pesquisa, podendo sub-representar aquelas com menor inserção no coletivo.

6.1 SUGESTÕES

Como desdobramento prático e teórico, sugere-se que estudos futuros ampliem o recorte geográfico, contemplando diferentes territórios periféricos e distintas associações, de modo a possibilitar comparações mais consistentes entre realidades diversas. Recomenda-se, também, a utilização de amostras mais amplas, a fim de fortalecer a representatividade dos resultados e permitir maior generalização dos achados.

7 REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: Do empreendedorismo para o Análise de conteúdo. autogerenciamento subordinado. **Contemporânea** [online]. v. 11 n. 3 (2021): Setembro - Dezembro de 2021. DOI:10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue3-fulltext-1674. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1081> Acesso em 17 jul. 2025.

AHL, Helene. Why research on women entrepreneurs needs new directions? **Entrepreneurship Theory and Practice**, [S.l.], v. 30, n. 5, p. 595–621, set. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00138.x> Acesso: 26 de nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. As formas de capital. In: RICHARDSON, J. G. (ed.). **Manual de teoria e pesquisa para a sociologia da educação**. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005. 349 p. ISBN 8536304227.

COSTA, Henrique Bosso da. O alquimista: um “sujeito periférico” no circuito do empreendedorismo social. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 67, 2024. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.214437. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/214437>. Acesso em: 5 fev. 2026.

COSTA, Henrique. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 87, p. 1–19, 2024. DOI: 10.11606/2316901X.n87. 2024.e10683. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/225707>. Acesso em: 17 jul. 2025.

DIAS, Naomi Gomes Amaro. **O processo empreendedor de mulheres na Restinga**. Orientador: Nilson Varella Rübenich. 2024. 24f. TCC (Graduação em Tecnologia em Processos Gerenciais) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Restinga, Porto Alegre, 2024.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2012. 260 p. ISBN 9788535247589.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor** (entrepreneurship): prática e princípios. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2014, 378 p. ISBN 9788522108596. EMPREENDEDORAS RESTINGA. Nossa história. Porto Alegre 2024. Disponível em: <https://empreendedorasrestingasa.com.br/>. Acesso em: 25 out. 2025.

FALQUETO, Junia maria zandonade; HOFFMANN, Valmir Emil; FARIAS, Josivania Silva. Saturação Teórica em Pesquisas Qualitativas: Relato de uma Experiência de Aplicação em Estudo na Área de Administração. **Revista de Ciências da Administração**, [S. l.], v. 20, n. 52, p. 40–53, 2018. DOI: 10.5007/2175-

8077.2018V20n52p40. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2018V20n52p40>. Acesso em: 19 set. 2025.

FERREIRA, Cláudia Aparecida Avelar; CAROLINO, Amanda Ribeiro; NERO, Ana Carolina Pereira; BATISTA, Renata Cristina Gomes; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Empreendedorismo feminino periférico: análise decolonial. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 109–133, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.2236 417X.2023v13n3.67384. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/pgc/article/view/67384>. Acesso em: 27 nov. 2025.

FONTES, Leonardo. A emergência do empreendedorismo periférico: a formação de novas subjetividades em meio ao mercado, ao Estado e à sociedade nas margens urbanas. **SciELO Preprints**, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6817. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6817>. Acesso em: 5 fev. 2026.

GEM (Global Entrepreneurship Monitor) (2025). **Global Entrepreneurship Monitor 2024/2025** Global Report: Entrepreneurship Reality Check. London: GEM. Disponível em: <https://www.gemconsortium.org/file/open?fileId=51621>. Acesso em: 20 set. 2025.

GEM, Brasil (2024) Global Entrepreneurship Monitor: **Empreendedorismo no Brasil 2024**. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2024/03Relatorio-Executivo-GEM-BR-2023-2024-Diagramacao-v5-1.pdf>. Acesso em 22 set. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 Ed. São Paulo: Atlas, 2010 p. 46 a 64.

GOMES, Almiraiva Ferraz; SANTANA, Weslei Gusmão Piau; ARAÚJO, Uajará Pessoa; MARTINS, Caroline Miriã Fontes. Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 16, n. 51, p. 319–342, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbgn/a/b7pGYz8sKCcCF-GWd8B4SrSB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 out.2025.

KERSTENETZKY, Celia Lessa. Sobre associativismo, desigualdades e democracia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53, p. 131–142, out. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dQM74fL6JYVwP6fCMW65rvM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 18 out. 2025.

LÜCHMANN, Ligia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 159–178, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/dKQNRmfDB-nkZ6F59xpW6wYF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 out. 2025.

MAIA, M. M. Trabalho emocional e significados do feminino no empreendedorismo contemporâneo. **Cadernos Pagu**, n. 64, p. e226403, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/PZBWshwGDtnBRDYFxW4cNxP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 04/02/2026.

MACHADO, F. B. Dilemas de Mulheres Empreendedoras em Empresas Inovadoras Nascentes. In: **Anais** [...] do Encontro da ANPAD. 36, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=&cod_evento_edicao=63&cod_edicao_sub_secao=848. Acesso em 10 out. 2025.

MARAGNI, Felipe Teixeira Genta; COSTA, Ana Carolina Oliveira Rodrigues; CAMPOS, Natássia de Menezes; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro. Poder de escolha: uma práxis decolonial para a ressignificação do espaço universitário. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 22, n. 6, p. e2023-0064, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/89KqTw34sf6L5NVsw9Fhgj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jul. 2025.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues. Associativismos de trabalhadores favelados no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte (1954-1964). **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 31, n. 65, p. 349-368, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/q6JNwzSgSLPnWJW3tDkFb4v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 nov. 2025.

OLIVEIRA, Xênia L'amour Campos; DAVEL, Eduardo Paes Barreto. Redes do Empreendedorismo: Perspectivas e Desafios para a Produção Acadêmica. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 20, n. 58, p. e11747, 2022. DOI: 10.21527/2237-6453.2022.58.11747. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/11747>. Acesso em: 22 abr. 2026.

PESSOA, Lindovon Dias; MORAES, Sharlene Dantas; SILVA, Maria Josefa da; CAVALCANTE, Lígia Maria Alves; NÓBREGA, Joanacele Gorgonho Ribeiro; CRUZ, Lindalva Alves. Extensão universitária, gênero e economia solidária: interação de saberes e construção da cidadania. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, v. 6, n. 1, p. 99-117, abr./jun. 2019. ISSN 2358 7490. Disponível em: https://www.interdisciplina-remsaude.com.br/Volume_23/Trabalho_08.pdf. Acesso em 20 jul. 2025.

PONTES, Thayanne Lima Duarte; DINIS, Anabela do Rosario Leitão. When the doors open: implications of COVID-19 and the work-family interface for women entrepreneurs. **Revista Organizações em Contexto**, [S. l.], v. 18, n. 36, p. 225-251, 2024. DOI: 10.15603/roc1836225 251. Disponível em: <https://revistas.meto-dista.br/index.php/organizacaoesemcontexto/article/view/126>. Acesso em: 27 nov. 2025.

PORTO ALEGRE. **ObservaPOA** – Observatório da Cidade de Porto Alegre. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, [s.d.]. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/smpg/observapoa>. Acesso em: 20 out. 2025.

SEBRAE. **O que é ser um empreendedor**. SEBRAE, Nacional, 2023 Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEEAD6407D759003256D520059B1F8/\\$File/NT00001D9A.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/A2EEEEAD6407D759003256D520059B1F8/$File/NT00001D9A.pdf). Acesso em: 18 out. 2025.

SEBRAE. **Relatório de empreendedorismo feminino**. SEBRAE, Nacional, 2024 disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2025/03/2025-03-07_relatorio_empreendedorismo_feminino_uf_202404_relatorio_final.pdf. Acesso em 07. nov. 2025.

SCHNEIDER, Elton Ivan; Henrique José Castelo Branco. **A caminhada empreendedora e a jornada de transformação de sonhos em realidade**. 1. ed. Curitiba: Inter-saberes, 2012.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 1 Ed. São Paulo: Atlas, 2005 p. 8 a 24.

VERSIANI, Fernanda.; CARVALHO NETO, Antonio. South-South migration: a study on refugees working in small and medium Brazilian enterprises. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 2, p. 252–264, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/7qLgFXVcxYVRFMKxHzRGGxr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 25 set. 2025.

VERSIANI, Fernanda; CARVALHO NETO, Antonio; MOTA-SANTOS, Carolina; CAIRO, Mariana Lima. Consequências (não) premeditadas do empreendedorismo para a mulher. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 20, n. 2, p. 10-28, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359257344_Carolina_mota_santos_consequencias_nao_premeditadas_do_empreendedorismo_para_a_mulher_un_premeditated_consequences_of_entrepreneurs-hip_for_women. Acesso em: 25 set. 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Tradução de Ana Thorell. Revisão técnica de Cláudio Damascena. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

APÊNDICE A - Tópicos para análise documental

Documentos	Temas de análise
Estatuto da Associação	finalidade, organização e funcionamento da associação
Atas de reunião	funcionamento interno; participação dos membros; dinâmicas de cooperação; desafios enfrentados.
Site da Empreendedoras Restinga	história, missão, visão, valores; atuação e comunicação padrões narrativos sobre desafios e oportunidades.
Reportagens em sites ou jornais.	percepção pública sobre o empreendedorismo neste território atuação da associação impactos na comunidade

APÊNDICE B- Roteiro para entrevista com as empreendedoras

Perfil das empreendedoras

Motivação e desafios do empreendimento

O papel da associação Empreendedoras Restinga

Cooperação, Rede e Capital Social

Desenvolvimento pessoal e profissional

Impactos na comunidade e território.

APÊNDICE C- Roteiro para entrevista com as gestoras da associação.

Origem e Contexto de Criação da Associação,

Propósito, Missão e Valores,

Organização e Gestão da Associação,

Desafios Enfrentados e Estratégias de Superação,

Impactos e Resultados Alcançados,

Perspectiva de Gênero e Empoderamento,

Sustentabilidade e Futuro da Associação

APÊNDICE D- Termo de Consentimento Livre Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado(a) para participar do projeto de pesquisa intitulado: “Empreendedorismo feminino em territórios periféricos: o papel de uma associação como rede de apoio e cooperação.

Este projeto está vinculado ao projeto de conclusão de curso, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Porto Alegre. Esta pesquisa busca analisar a contribuição da Associação Empreendedoras Restinga para o empreendedorismo feminino em seu território. A pesquisa será feita, através de entrevista semiestruturada, que poderá ser gravada, após sua autorização.

=====

Fui alertado (a) que este estudo apresenta risco mínimo para mim (a), isto é, possibilidade de constrangimento ao responder, vergonha, cansaço ao responder às perguntas. Além disso, diante de qualquer tipo de questionamento ou dúvida, poderei realizar o contato imediato com um dos pesquisadores responsáveis pelo estudo que fornecerá os esclarecimentos necessários.

Foi destacado que a minha participação no estudo é de extrema importância, uma vez que se espera melhor conhecer a jornada da empreendedora, junto a Associação.

Estou ciente e me foram assegurados os seguintes direitos:

- da liberdade de retirar o consentimento, a qualquer momento, e que poderei deixar de participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer ordem;
- da segurança de que não serei identificado (a) e que será mantido caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade;
- do compromisso de ter acesso às informações em todas as etapas do estudo, bem como aos resultados, ainda que isso possa afetar meu interesse em continuar participando da pesquisa;

- de que não haverá nenhum tipo de despesa ou ônus financeiro relacionada com a participação neste estudo;
- de que posso me recusar a responder qualquer pergunta que julgar constrangedora ou inadequada.
- de que serão mantidos todos os preceitos ético-legais durante e após o término da pesquisa, de acordo com as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde;

=====

Eu _____, portador(a) do documento de identidade
ou CPF _____

_____, aceito participar da pesquisa intitulada: “Empreendedorismo feminino em territórios periféricos: o papel de uma associação como rede de apoio e cooperação. Fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada, bem como sobre a metodologia que será adotada, sobre os riscos e benefícios envolvidos. Recebi uma via assinada e rubricada deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Porto Alegre, 22 de Janeiro de 2026.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador(a) (a)